relação entre essas práticas e a camada social dos indivíduos que as exercem (ex.: diferenças nas relações sexuais dos jovens estudantes e dos jovens trabalhadores manuais; natureza das relações de cônjuges em diferentes camadas sociais; importância da divisão de sexos também segundo a condição socio-económica).

A educação sexual assume um papel destacado como instrumento de adaptação social e de reprodução das relações sociais. Neste domínio, a análise do autor concentra-se sobre a literatura sexual e seus estimulantes (juventude e «sex-appeal» eternos; carreiras profissionais narcisistas; descarga de agressão sobre grupos sexualmente «livres» — hippies, homossexuais etc.). Tais estímulos constituem um todo aparentemente desordenado mas onde os processos de *dessublimação repressiva* são desencadeados através de meios que se diversificam segundo as camadas sociais e conduzem frequentemente a contradições. Neste sentido, a partir do estudo de alguns magazines alemães de grande tiragem, destinados a um público jovem, o autor procura definir alguns critérios de adaptação socio-sexual. Resumindo muito sumàriamente: «quanto mais baixa é a camada social (...) mais rígidas as normas de adaptação social e sexual; quanto mais elevada a camada social, maior a margem de manobra concedida pela classe dominante às variantes individuais e às liberdades aparentes».

Por outro lado, a nível do *consumo,* aparece um sistema de «nivelamento» que, a par da diferenciação de *condições sociais* existentes, faz com que o contributo da sexualidade para a formação do indivíduo resulte em perturbações na constituição colectiva do ego de todos os membros da sociedade.

A concluir, *Sexualité et lutte de classes* chama a atenção para a necessidade de não considerar isoladamente a prática sexual no todo social, o que poderia conduzir a conceber uma qualquer ineficaz estratégia da sexualidade, destinada a superar a manipulação de que esta tem sido objecto.

RUBIN, Milton D. (organizador) — *Man in Systems* — Gordon and Breach Science Publishers, New York, 1971, 496 pp.

Nesta publicação estão incluidos os textos das comunicações apresentadas pelos participantes da reunião anual da Society for General Systems Research realizada em 1968. Esta sociedade, que provém da Society for the Advancement of General Systems Theory, criada em 1957 por Kenneth BOULDING, L. BERTALANFFY e A. RAPOPORT, tem por objectivo o estudo das condições gerais de elaboração e aplicação da teoria geral dos sistemas, campo científico de recente definição e cujos contornos são ainda pouco claros.

Será evidente que a noção de *sistemas* é normalmente utilizada por qualquer investigador, de uma forma directa ou indirecta, pelo que parecerá ter pouca potência inovadora um ramo científico que se atribua a designação e o objectivo de estabelecer uma teoria dos sistemas. Neste sentido, a familiaridade com o tema que se apresenta poderá ser um motivo de desinteresse em relação aos textos que sobre este título se publicam, tanto mais que o seu carácter algo primitivo os torna relativamente repetitivos de noções há muito detidas pelas comunidades científicas.

Por outro lado, uma primeira análise do conteúdo desses textos conduz ràpidamente o leitor familiarizado com o conceito de estrutura a encontrar uma relação analógica entre este e o conceito de sistema, o que reforça a noção, vaga mas persistente, de *déjà vu.*

Pensamos que qualquer destas posições define uma atitude perigosamente errada em relação a uma das correntes mais potentes da investigação contemporânea, atitude que pode contribuir para um fechamento artificial do espaço teórico que, em última análise, condiciona o processo da evolução científica de domínios separados e incomunicáveis para um corpo mais coeso e onde, sobretudo, seja possível a passagem de um disciplina para outra sem quebra dos circuitos explicativos.

De facto, o objectivo principal da teoria geral dos sistemas pode-se definir na procura de leis gerais aplicáveis a diferentes tipos de sistemas, definidos genèricamente, o

que possibilita uma fácil transgressão das fronteiras disciplinares, pois uma mesma tipologia (sistema aberto, sistema fechado, sistema de equilíbrio, sistema homeostático, sistema adaptativo, etc.) é aplicável a múltiplos objectos teóricos, com a única condição de estes serem dotados de *organização* (propriedade fundamental da categoria de sistema).

Para além de tudo isto, acresce que a teoria geral dos sistemas permite incorporar no discurso científico a qualidade operacional dos modelos cibernéticos e da teoria da comunicação (conjuntos organizados com *input* e *output*), o que a constitui como um passo teórico fundamental para a compreensão dos processos de decisão.

Todos estes pontos são analisados nesta colectânea sob o ponto de vista específico das ciências sociais (pois esse era o tema central da reunião), o que torna ainda mais recomendável a sua leitura, muito embora se deva acrescentar que não são textos elementares ou didácticos mas sim análises já relativamente elaboradas, ainda que iniciais.

J. A. Aguiar

SOUSA, Manuel Joaquim — *O Sindicalismo em Portugal* — (3.ª edição prefaciada e anotada por Emídio Santana), «Cadernos Afrontamento». Ed. Emídio Santana, Porto, 1972.

Se uma certa maneira de viver o presente é frequentemente o instrumento com que se elabora um preságio, tantas vezes mítico, sobre o futuro, a verdade é que pelo mesmo mecanismo, também o passado se arrisca a ser objecto de mitos, ou deformações consideráveis. Sobretudo quando na cena política os repertórios mudaram e com eles os actores — referimo-nos à cena e não aos empresários, e falamos nos repertórios, mas não necessàriamente nos temas dramáticos.

A tragédia, a comédia ou o drama da estabilidade, ou do sábio conformismo perante a vontade dos Deuses, passa demasiadas vezes em frente dos nossos olhos para que não a retenhamos, e quer a peça, melhor ou pior ajudada pela encenação, glorifique Zeus, quer enalteça Prometeu, e o fogo rubro onde a sua sombra se projecta, somos levados a pensar que nada há de novo debaixo do sol, pelo menos desde que esse sol e aquele fogo nos foram outorgados. E como desde há muito o papel do encenador é primordial, também essa concepção de teatro nos parece a única praticável.

É neste contexto que nos aparece o sindicalismo em Portugal, mas não aquele que este caderno «Afrontamento» nos apresenta.

Manuel Joaquim de SOUSA, o autor, manufactor de calçado portuense que possuía apenas a 2.ª classe da instrução primária, foi secretário-geral da C.G.T. (Confederação Geral do Trabalho) portuguesa, datando a 2.ª edição deste livro de há 31 anos (1931). Conta-nos, por exemplo, que em 1925, o I Congresso Confederal, contou com a representação de 113 sindicatos e com a adesão, sem representação, de mais 22.

O movimento sindicalista, de tendência libertária, possuía um jornal diário, *A Batalha*, e uma vasta repercussão não só entre os operários, como nos meios rurais. Estes dados, entre inúmeros outros, que a muitos parecerão surpreendentes, são acompanhados de uma explicação da origem, repercussão e condicionamentos a que esteve sujeito o movimento, bem como das atitudes por ele tomadas face aos diversos acontecimentos. Queremos salientar as consequências do Congresso de Haia de 1872, (em que o operariado português foi representado por Paul LAFARGUE, genro de MARX) no movimento operário português; a acção do Partido Republicano no meio operário; a passagem da hegemonia do socialismo reformista para a do anarco-sindicalismo a partir de 1909-1911; a formação da U.O.N. e, depois, da C.G.T., as relações internacionais com a C.N.T. espanhola, e com as Internacionais; as relações com o Partido Socialista e com as organizações pró-soviéticas (Federação Maxionalista, I.S.V., Partido Comunista); a rejeição da proposta de «frente única», em 1925, feita pelo I.S.V. perante a ameaça de golpe de estado militar; a posição perante a Ditadura Nacional (a este respeito, bem como noutros pontos, parece-nos que as notas de Emídio SANTANA são preciosas).

Julgamos que a importância documental desta obra é considerável, quaisquer, aliás, que possam ser as